

Debate político foi líder de audiência

CORREIO BRAZILIENSE

19 JUL 1989

ALEXANDRE RIBONDI
Enviado Especial

São Paulo — A apresentadora Marília Gabriela, ao sair dos estúdios da TV Bandeirantes, onde havia acabado de apresentar o Primeiro Encontro dos Presidenciais, na noite de segunda-feira, desabafou com sorrisos: "Eu quase saí na porrada com o Ronaldo Caiado". Devia ter feito o que sentiu vontade de fazer porque, assim, o programa teria tido mais sangue nas veias, teria escapado à mesmice e ganharia importância — sem contar a boa dose de sensacionalismo que o gesto iria provocar.

O Encontro dos Presidenciais manteve uma média de 18 pontos de audiência e, no final da noite, fechou em 15 pontos, o que equivaleu, no horário, a 55 por cento do total de aparelhos ligados. Um resultado muito bom para os anunciantes. Já para o público, o quadro foi outro e quem procurou o debate para saber em quem votar, foi dormir muito, muito preocupado. Não pôde escolher o nome de ninguém porque ninguém realmente se pronunciou. Na verdade, os candidatos, de maneira geral, entraram mudos e saíram calados. Principalmente Afif Domingos, que usou parte de seu tempo para expressar-se na linguagem de sinais dos deficientes auditivos — os 5 milhões de pessoas que já fazem parte de seu eleitorado.

Para Marília Gabriela, o bloco que menos funcionou foi o momen-

to em que os presidenciais puderam fazer perguntas entre si, com direito a réplicas e tréplicas. Palavras da jornalista. "Eles talvez não tenham o hábito de fazer perguntas, só saibam responder". Pelo visto, nem isto. A impressão que se teve na noite de segunda-feira, era a de que neste País não há problemas cruciais, não há urgência em se resolver a sociedade, não há desespero do eleitorado. Todos os candidatos estavam fleumáticos e reticentes. Ao final da noite, nenhum deles saiu vencedor, ninguém havia sido atacado ou pego em flagrante, ninguém foi desmascarado. E olhem que máscaras era o que não faltava. Aliás, um assessor de Ronaldo Caiado, Wilson Martins, que também ficou do lado de fora, comentou: "Isto é varejão com data marcada". E acabou lamentando-se: "Imagine você que eu tive até uma carreira de esquerda no meu tempo de estudante. Olhe só o que estou fazendo agora". E de trazer lágrimas à máscara, uma história dessas.

A culpa de tanta frieza foi colocada no excesso de regras do programa. Feitas as contas, cada candidato teve cerca de 10 minutos para falar e isto com a Marília Gabriela ao pé do ouvido, comunicando que o "seu prazo já se esgotou". Nos intervalos, alguns bate-bocas continuavam, os maquiadores corriam (e também reclamavam: "Aureliano não gosta que toquem nele"). Ou elogiavam: "Brizola gosta de um pozinho. Chega até a se deitar na hora de retocar a maquiagem", e, quando o programa voltava ao ar, todos se recompu-

nam. Marília Gabriela defendeu as regras do programa: "Se você solta, há tumulto. Debate tem que ter regras". E ainda elogiou: "O programa foi um golaço."

Por ser um golaço, ela se recusou a fazer qualquer avaliação sobre o desempenho dos candidatos, o que considera "uma loucura". Parece bondade dela, porque há candidatos que se saíram desastrosamente. Mas para Marília Gabriela, o enfoque é outro: "Há pessoas que são mais despuddoradas com a televisão, usam o espaço, cavam seus segundos e são mais agressivos". E concluiu: "Todo o mundo foi bem". Talvez porque todos estejam aprendendo. A televisão vê como é esta longa e complicada história de promover debates de presidenciais. Os candidatos aprendem a percorrer o caminho que leva até Brasília. Lula, por exemplo, aos 43 anos, nunca votou para presidente e já é candidato. O Brasil é mesmo um país de quemar etapas.

Finalmente, todos parecem concordar que há muito o que ser ponderado. Marília Gabriela fala outra vez: "Alguns pontos a gente revê. O sistema de apertes não deu certo". E, com certeza, os candidatos, ao saírem da TV Bandeirantes, uns rumo à sua cidade de origem, como Brizola, que embarcou imediatamente para o Rio de Janeiro, ou Affonso Camargo, que foi repousar em um hotel quatro estrelas, devem ter se colocado a pensar, inquietos: "Será que o Colômbia tinha mesmo razão quando não quis vir?"